

## AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO COMO FATOR IMPORTANTE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Thays Pires de Andrade Silva<sup>1</sup>  
Lorena Bernardes Barcelos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo compreender a afetividade na relação professor e aluno como fator motivacional no processo de ensino e aprendizagem. O estudo baseia-se na seguinte problemática “Qual a contribuição que a afetividade tem sobre a aprendizagem e qual a percepção dos professores pedagogos sobre essa temática?”. A afetividade está ligada ao processo cognitivo, ao aspecto emocional e interfere no desenvolvimento do educando, positiva ou negativamente. Destarte, o professor é o responsável pela boa comunicação e relação com seus educandos e é importante ressaltar que uma boa relação entre ambos, professor e aluno, gera um bom rendimento escolar. Na pesquisa com os profissionais da educação, serão relatadas perspectivas e reflexões sobre as contribuições da afetividade para uma boa aprendizagem. O objetivo principal desta pesquisa é gerar uma reflexão sobre a prática pedagógica e sobre como o professor pode marcar a vida do educando ensinando com amor e afeto.

**Palavras-chave:** Afetividade. Relação professor-aluno. Processo ensino-aprendizagem.

## AFFECTIVITY: TEACHER AND STUDENT RELATIONSHIP AS AN IMPORTANT FACTOR IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS

**ABSTRACT:** This article aims to understand the affectivity in the teacher-student relationship as a motivational factor in the teaching and learning process. The study is based on the following problem “What is the contribution that affectivity has on learning and what is the perception of pedagogical teachers on this theme?”. Affection is linked to the cognitive process, to the emotional aspect and interferes in the student's development, positively or negatively. Thus, the teacher is responsible for good communication and relationship with his students and it is important to emphasize that a good relationship between both teacher and student, generates a good school performance. In the survey with education professionals, perspectives and reflections on the contributions of affectivity to good learning will be reported. The main objective of this research is to generate a reflection on the pedagogical practice and on how the teacher can mark the student's life teaching with love and affection.

**Keywords:** Affectivity. Relationship teacher-student. Teaching-learning process.

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia no Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. E-mail: thayspires0@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora do Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Mestre em Letras e Linguística pela UFG e Graduada em Pedagogia (UNINTER) e Letras (UFG). Tem especializações na área de Gestão de Pessoas (UNIALFA), Metodologia do Ensino na Educação Superior e Orientação Educacional, Supervisão e Gestão Escolar, ambas pela UNINTER. E-mail: lorena.barcelos@anhanguera.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3876425808967700>.

## INTRODUÇÃO

O amor, o afeto e a empatia são fatores primordiais na boa relação entre professor e aluno. Na falta deles, pode-se comprometer negativamente o processo de ensino e o processo cognitivo da criança no ato de aprender.

Este estudo aborda a afetividade na relação professor e aluno e como ela influencia no processo de ensino e aprendizagem. Compreender como a aprendizagem acontece e os aspectos que interferem neste processo é indispensável na formação docente, haja vista que as reflexões sobre a aprendizagem desvelam reflexões sobre o ensino e vice-versa. Isto posto, torna-se relevante o presente estudo, uma vez que se propõe, aqui, um olhar sobre a dicotomia aprender-ensinar pela perspectiva da afetividade.

Este trabalho tem como objetivo compreender a influência da afetividade na relação professor e aluno sobre o ensino e aprendizagem, por meio de um estudo teórico e pesquisa com os profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Para atingir tais objetivos, além da pesquisa bibliográfica, realizou-se a aplicação de um questionário para a coleta de dados junto a um grupo de professores da Educação Básica, com o intuito de compreender a percepção que os mesmos têm sobre a afetividade e seu impacto na aprendizagem dos alunos.

Dentre as referências trazidas à discussão, estão Jean Piaget, Lév Vygotsky e Henri Wallon, autores que referenciam a temática do desenvolvimento e aprendizagem. Entre eles, Wallon destaca-se como o precursor do estudo sobre a afetividade e seus impactos em cada etapa do desenvolvimento infantil. Segundo Wallon: “É muito difícil observar a criança sem lhe emprestar alguma coisa dos nossos sentimentos ou das nossas intenções. Um movimento não é um movimento, mas aquilo que ele nos parece exprimir” (WALLON, 2005, p. 36).

De acordo com Cunha (2017, p.41), “A escola é um lugar privilegiado para a socialização, onde as relações afetivas possuem substancial valor. O professor que não considerar os aspectos sociais e humanos da sua atribuição correrá o risco de não ser bem-sucedido”. Nesse sentido, para garantir o êxito no processo de ensino-aprendizagem, o professor deve construir uma boa relação com o seu aluno.

Refletindo sobre a afetividade no âmbito escolar, afirma Freire (1985, p.28) que: “Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há

amor imposto. Quem não ama, não compreende o próximo, não o respeita.” Observa-se, assim, que o professor que transmite o afeto, favorece o educando no processo da aprendizagem.

Neste trabalho discorreremos sobre como o afeto interfere no ensino e aprendizagem, e sobre a relevância da afetividade na prática docente. O interesse pela temática e a decisão de tomá-la como objeto neste estudo deve-se ao fato de tê-la vivenciado enquanto educanda nos anos iniciais na minha vida escolar. Hoje, como professora em formação, acredito que o professor pode deixar marcas positivas, mas, também, podem deixar marcas negativas na vida da criança, e essas marcas podem acompanhá-la por toda a vida.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para análise e compreensão do tema abordado, a presente pesquisa compõe-se de duas vertentes: a bibliográfica, para embasar as reflexões acerca do tema, e a empírica, para trazer dados reais que contribuam para as discussões pretendidas.

A pesquisa bibliográfica é essencial quando se pretende discorrer sobre determinado objeto de estudo, haja vista que fornece suporte teórico, a partir do qual novas considerações serão tecidas. Segundo Boccato (2006, p. 266),

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Neste estudo, foram consultadas diferentes obras impressas e em meio eletrônico, inicialmente sobre as Teorias da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano e seus principais autores (Piaget, Vygotsky e Wallon), e, em seguida, especificamente sobre Afetividade e Aprendizagem.

A pesquisa de campo – empírica – teve a coleta de dados realizada por meio da aplicação de questionário virtual, construído pela ferramenta Google Forms<sup>3</sup>. O questionário foi aplicado a professores da Educação Básica, escolhidos aleatoriamente,

<sup>3</sup> Os questionários seriam aplicados em visita a uma Escola Municipal anteriormente contactada mas, em decorrência da pandemia pelo coronavírus (COVID19) houve o fechamento das escolas e a visita não ocorreu.

com o intuito de compreender a percepção que os mesmos têm sobre a afetividade e seu impacto na aprendizagem dos alunos. A partir das respostas coletadas construiu-se uma reflexão sobre a importância da afetividade na relação entre professor e aluno.

### **Afetividade e as contribuições de seus principais defensores no contexto educacional**

De acordo com o Dicionário Aurélio (2010, p. 66), afetividade é “[...] 2.Psic. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre dá a impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza”.

No contexto educacional, é considerável relacionar a afetividade, pois o termo se refere à virtude do ser humano de ter a capacidade de ser afetado positivamente e/ou negativamente em suas relações e na aprendizagem. Nesse sentido, Wallon, em seus estudos, apresentou a influência da afetividade nas diferentes etapas do desenvolvimento humano. Segundo Mahoney (2005, p.11), Wallon

Dedicou-se ao desenvolvimento da criança, considerando que a questão fundamental dessa área é o estudo da consciência e que o melhor caminho para entendê-la é buscar sua gênese, sua origem. Concentrou-se então, no processo de desenvolvimento para explorar as origens biológicas da consciência.

De acordo com Galvão (2014), Henri Wallon, em seu trabalho como médico, decidiu estudar Psicologia da Criança e, posteriormente, teve despertado o interesse pela Educação. Conforme Galvão (2014, p. 23), Wallon:

Considerava que entre a Psicologia e a Pedagogia deveria haver uma relação de contribuição recíproca. [...] Assim, a Pedagogia oferecia campo de observação à Psicologia, mas também questões para investigação. A Psicologia, por sua vez, ao construir conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento infantil, oferecia um importante instrumento para o aprimoramento da prática pedagógica.

A teoria de Wallon relata que o desenvolvimento humano compreende cinco etapas, que revelam as características que constituem uma pessoa, sendo elas:

- I. Impulsivo emocional (0 a 1 ano): No qual a predominância do conjunto funcional é o motor e o afetivo, que está voltado especificamente na construção do “eu”, quando a afetividade prevalece.
- II. Sensório motor e projetivo (1 a 3 anos): a predominância do conjunto funcional é o cognitivo, nesse estágio, a criança já está apta a explorar o meio em que vive, conhecendo e tendo contato com o mundo físico.

- III. O estágio do personalismo (3 a 6 anos): predominância do conjunto funcional é o afetivo, a criança nesse contexto, volta para a construção de sua personalidade, nesse desenvolvimento a criança passará por conquistas e conflitos emergindo o processo de constituição da pessoa.
- IV. Categorical (6 a 11 anos): a predominância do conjunto funcional é o cognitivo, nesse estágio o desenvolvimento da criança está voltado para o intelectual, onde se conhece como pessoa, em diferentes grupos sociais, além de exercer vários tipos de papéis conhecendo suas possibilidades.
- V. Puberdade e adolescência (12 anos em diante): a predominância do conjunto funcional é o afetivo, nesse estágio a criança passa por algumas transformações, sendo elas corporais e psíquica, contribuindo a construção de si podendo fazer escolha de valores morais, atitude de dependência, e estar apto a entrar num mundo abstrato.

Ao longo desses estágios, a teoria walloniana é formada em uma aliança tríplice que envolve a afetividade, a cognição e a motricidade. Nesse sentido, as interações estão ligadas ao afeto.

Na perspectiva do sociointeracionismo, assenta-se a teoria de Vygotsky (1896-1934), para quem o desenvolvimento da criança está relacionado, em primeiro lugar, nas interações sociais e, em seguida, vem a constituição do próprio sujeito em sua maneira de agir, constatando que, segundo Vygotsky (1989, p. 33):

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.

Com base na teoria de Vygotsky, o aprendizado ocorre durante nossas interações sociais, isso pode ser analisado por base na zona de desenvolvimento proximal – ZDP, no nível de desenvolvimento real – NDR, que remete ao que a criança pode realizar sozinha, sem o auxílio do adulto, no nível de desenvolvimento potencial – NDP, isto é, o que a criança faz com a ajuda do adulto.

Ainda na perspectiva vygotskyana, as emoções influenciam e diversificam o comportamento, portanto, quando a interação com o outro é marcada pela afetividade, os resultados são diferentes de quando isso não acontece, o que reforça a importância da afetividade na relação professor-aluno para que ocorra um processo de aprendizagem e desenvolvimento positivo.

Jean Piaget (1896–1980), por sua vez, construiu sua teoria conhecida como epistemologia genética, composta pelos seguintes estágios:

- I. Estágio sensório motor (0 a 2 anos): Refere a inteligência prática, o começo das percepções;
- II. Estágio pré-operatório (2 a 7 anos): Surge a característica egocêntrica, no qual a criança não tem uma plena interação;
- III. Estágio operatório concreto (7 a 11 anos): Começa a conceituar o mundo, surge a necessidade de referências concretas;
- IV. Estágio operatório formal (11/12 anos): Refere a construção da autonomia, no qual a criança começa a avançar no processo de socialização.

Em seus estudos, Piaget também defende a interação como meio de desenvolvimento intelectual e afetivo. Conforme afirmam Nunes e Silveira (2008, p.82):

Segundo Piaget, a evolução do conhecimento é um processo contínuo, construído a partir da interação ativa do sujeito com o meio (físico e social). O desenvolvimento humano passa por estágios sucessivos de organização do campo cognitivo e afetivo, que vão sendo construídos em virtude da ação da criança e das oportunidades que o ambiente possibilita à mesma. Influenciado pela sua formação de biólogo, Piaget entendeu que a lógica implicada na relação organismo-meio, poderia ser estendida para o estudo dos processos intelectuais e afetivos, trazendo noções como a de adaptação biológica para o estudo das funções cognitivas.

Nesse sentido, a interação entre os sujeitos contribui para o desenvolvimento do ser humano, e a importância do apoio da afetividade fica bem consubstanciada nesse processo. Piaget, Vygotsky e Wallon observaram que a interação e a afetividade devem ocorrer desde o início da vida dos indivíduos e que, sem elas, não há a garantia do pleno desenvolvimento.

### **Afetividade na relação professor-aluno**

Ser professor não consiste em apenas em repassar conteúdos para o educando. Ser professor pressupõe uma relação com o educando, relação de reciprocidade, construída por meio das interações. A esse respeito, Macedo e Silva (2009, p. 220) destacam que:

O domínio afetivo exerce um papel fundamental na constituição da pessoa, pois é o que dá energia ao ato motor e à cognição e, juntamente com eles, proporciona a constituição de valores, vontades, interesses, necessidade e motivações, que direcionarão escolhas e decisões ao longo da vida.

Na relação professor-aluno, o professor também aprende com os seus educandos, porém é necessário estabelecer uma relação mútua, na qual um aprende com o outro e gera uma troca de experiências e conhecimentos. A interação é de grande valia para haver um bom desenvolvimento na construção da troca dos saberes, além disso, na interação com os sujeitos, fica evidente que somos diferentes um dos outros. De acordo com Ranghetti (2002, p. 87-88): a relação com as diferenças “é viver a própria afetividade sendo presença, acolhendo o outro para um renascer com-junto em meio à diversidade das singularidades.”

Na sala de aula, o professor pode se deparar com diferentes perfis de alunos, cada qual com suas angústias e preocupações. De acordo com Cury (2003, p. 97) “[...] por trás de cada aluno arredo, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto”. Partindo-se dessa premissa, o professor deve enxergar o aluno além do ambiente escolar, considerando-o, ainda que criança, com uma bagagem de vida, a qual o professor deve observar e tentar compreender, com o objetivo de identificar algo que prejudique o seu desenvolvimento escolar.

Pelo diálogo, um professor observador e empático consegue identificar situações delicadas que envolvam o educando. O diálogo entre o professor e aluno é fundamental para a boa relação entre ambos, devendo o professor ser mais aberto às indagações dos educandos, oportunizando o diálogo. A esse respeito, Freire (1996, p. 52) ressalta:

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve, o que importa é que professor e aluno se assumam epistemologicamente curiosos.

Quando o professor está aberto a ouvir comentários e dúvidas e está aberto ao diálogo com o educando, consegue, de fato, transmitir-lhe a afetividade, além da motivação e do encorajamento. De acordo com Almeida (1999, p. 44) “o elogio substituído por palavras substitui o carinho. Com o tempo, as relações afetivas se estendem para o campo do respeito, da admiração.” Da mesma forma, o respeito mútuo será construído e o aluno estará mais aberto para o aprendizado com um professor que se importe em ouvi-lo e que esteja apto ao diálogo. Nesse sentido, o suporte para o conhecimento do aluno é a afetividade, e quem irá ser responsável por este suporte, é o professor.

## Relação entre afetividade e aprendizagem

O professor é o sujeito que ensina e estimula o educando ao aprendizado, e é por meio das interações que o educando desenvolve e adquire conhecimentos. Considerando as teorias de Wallon, Galvão (2014, p.64) afirma que na “atividade eminentemente social, a emoção nutre-se do efeito que causa no outro, isto é, as reações que as emoções suscitam o ambiente funcionam como uma espécie de combustível para sua manifestação”. Nesse sentido, o professor deve manter uma relação afetiva com os educandos, pois o estímulo que o professor passa, libera uma sintonia afetiva que conduz os indivíduos numa mesma emoção, sendo assim, o professor que se preocupa em ter essa sintonia com o educando, terá um bom desempenho no processo de ensino e aprendizagem.

No outro extremo, está o professor que ignora o impacto da afetividade nos resultados do aluno. A respeito desse docente, afirma Freire (1996, p. 73):

o professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Observa-se, pelas palavras de Freire, que um professor também pode deixar marcas negativas em seus alunos, por isso a mediação afetiva entre educador e educando é fundamental no processo da aprendizagem.

Mesmo em silêncio, o professor é observado pelos alunos em sala de aula. Sua postura e a forma como atua no trabalho pedagógico podem transferir para a criança um estímulo positivo, melhorando sua autoestima e confiança. Na perspectiva de Tassoni:

[...] é possível defender que há uma sensibilidade, por parte dos alunos em relação ao tipo de mediação feita pelo professor, que revela a forma como eles são afetados, provocando diferentes sentimentos que influenciam o processo ensino-aprendizagem, interferem na relação com os conteúdos e na visão que cada aluno tem de si mesmo (TASSONI, 2008, p. 164).

Desse modo, quando estabelece o gosto pelo ensino e a simpatia ao ensinar o aluno, o mesmo percebe a atitude afetiva e internaliza o conteúdo, resultando na aprendizagem efetiva e significativa. O professor que percebe o aspecto afetivo como um fator relevante na construção do sujeito tem, ali, um bom método para trabalhar o aspecto cognitivo do educando. De acordo com Almeida (2004, p. 126):

Na teoria walloniana, o professor desempenha um papel ativo na construção da pessoa do aluno. (...) O professor deve basear a sua ação fundamentada no pressuposto de que o que o aluno conquista no plano afetivo é um lastro para o desenvolvimento cognitivo e vice-versa.



O professor empático e motivador desperta no aluno a vontade de aprender mais e, conseqüentemente, o educando muda o comportamento positivamente mediante a aula. O educando, quando é motivado e sente-se importante aos olhos do professor, tem mais entusiasmo e alegria ao aprender. Conforme afirma Miranda (2008, p. 03):

O aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Para que isto possa ser melhor cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

A relação entre professor e aluno, por mais complexa que seja, deve ser reconhecida como peça fundamental para atingir bons resultados no contexto escolar. O docente que tem uma boa relação com sua classe, conhece o universo sociocultural de cada aluno, planejando atividades com diversas propostas, contemplando a necessidade de cada um com atividades prazerosas. Para Cortella (2005, p. 124):

Assim, a criação e recriação do conhecimento na escola não está apenas em falar sobre coisas prazerosas, mas, principalmente, em falar prazerosamente sobre as coisas; ou seja, quando o educador exala gosto pelo que está ensinando, ele interessa nisso também o aluno. Não necessariamente o aluno vai apaixonar-se por aquilo, mas aprender o gosto é parte fundamental para passar a gostar.

Nesse sentido, o professor deve apresentar o gosto pelo ensino, assim o aluno será contagiado e terá o gosto em aprender. A afetividade conduz à aprendizagem, segundo Martinelli (2001, p. 100) “[...] um desejo de realização que no decorrer do trabalho pode sofrer interferências de estados de decepção, fadiga, prazer pelo que se tem alcançado, esforço por melhorar os resultados almejados [...]”. Logo, o aspecto emocional interfere no resultado do desenvolvimento de uma atividade, nesse sentido, a relevância do poder afetivo entre os sujeitos, está relacionada ao um bom desenvolvimento cognitivo.

### **Minhas memórias afetivas**

Apresento, aqui, o relato de algumas memórias escolares que me marcaram como educanda e, agora como educadora em formação, ressaltam a importância da afetividade na prática docente.

Eu nasci em Goiânia-GO, no ano de 1994. Nunca fui para uma creche, comecei a estudar aos 6 anos e fui encaminhada logo para o “pré”. Até hoje me lembro da minha

primeira professora, ela se chamava Magda, a mesma marcou a minha vida, nunca me esqueci dela.

Nos primeiros dias de aula, fiquei muito sozinha, me senti abandonada pelos meus pais, sofri muito em me separar deles em um período do dia. Até eu me acostumar, essa professora me olhava com os olhos de amor e sempre me ajudava no que eu mais precisava. O destino é tão engraçado e a nossa conexão foi tão forte, que depois de muitos anos, quando já me encontrava com 18 anos, em um belo dia, ali estava eu no meu local de trabalho, no Hospital Santa Casa Misericórdia de Goiânia, onde trabalhava como secretária, quando deparei-me com uma mulher bem semelhante à alguém que eu conhecia mas, a priori, não fazia ideia de quem fosse, mas algo me dizia que a conhecia de algum lugar.

Essa pessoa simplesmente se aproximou de mim e falou o meu nome, fiquei pensando, como aquela pessoa sabia o meu nome, e perguntei a ela, e ela respondeu: “Lembra de mim? Fui sua professora da 1ª série do Ensino Fundamental, a professora Magda”. Naquele momento me emocionei, pois ela se lembrou de mim e, no mesmo instante, me lembrei totalmente dela. Por fim, dei aquele abraço, realmente não sei explicar o que senti naquele momento nostálgico, ajudei a minha amada e eterna professora no que ela precisava ali no hospital, depois nunca mais a vi.

Lembrar dessa história e da professora que tanto marcou a minha trajetória escolar, traz a esperança na educação, sob o prisma de uma futura pedagoga. Um professor certamente marca a nossa vida pelo lado positivo, mas também no negativo. Eu fui marcada por algo positivo, e isso predomina, pois precisava mesmo era ser marcada bem ali no começo dessa trajetória. Essa professora me fez acreditar que é possível aprender, mesmo em meio às dificuldades, tendo em vista que estive ao meu lado para me ajudar: naquele tempo, não fazia tarefa de casa em casa, acabava fazendo na sala de aula, porque tive o incentivo e essa professora para me ajudar. Isso corrobora o que afirma Vallejo (2008, p. 22), para quem

Todos os professores podem ser modelo de identificação; porém, quando se trata de professores de prestígio e, além disso, queridos e aceitos por seus alunos, estes podem aprender com esses professores muito mais do que o professor conscientemente pretende ensinar.

Partindo para outro extremo, tive uma professora que também marcou a minha vida, mas, negativamente. Lembro-me que era uma professora de Artes e essa matéria sempre foi a minha preferida. Entretanto, essa professora nunca me incentivou, nunca

teve um olhar amoroso, como a professora Magda teve, sempre via defeitos em tudo o que eu fazia, nada estava bom o bastante para ela.

Ao contrário da professora Magda, essa professora olhava-me com reprovação e, mesmo gostando muito da matéria, o meu rendimento não fluía, eu tinha medo e confesso que nunca aprendi. Isso explicita o que afirma Tassoni (2008, p. 207-208):

[...] os sentimentos e emoções produzidos na dinâmica interativa da sala de aula marcaram de maneira significativa a relação dos alunos com o objeto de conhecimento. A intensidade das emoções e sentimentos, agradáveis ou desagradáveis, produzidos nas práticas pedagógicas, possibilita a aproximação ou afastamento dos alunos com o objeto de conhecimento, levando-os a gostar ou não de aprender e de fazer. Da mesma forma, a maneira como cada professor manifestava a sua relação com o objeto de conhecimento, e com a própria docência, produzia sentimentos que aproximavam ou afastavam os alunos do objeto de conhecimento.

Com esse entendimento, nota-se que a forma como o professor trabalha na sala de aula, interfere na aprendizagem do aluno. Deixo aqui dois exemplos de professoras da minha infância, duas professoras que marcaram minha vida: uma delas, positivamente; a outra, negativamente.

Graças a uma pessoa que me olhou com bons olhos e trabalhou com amor e de forma afetiva, obtive a confiança de que aprender é possível, tendo alguém que me apoiava, mesmo apresentando dificuldade na aprendizagem. Chalita (2001, p. 261-262) ressalta:

O aluno tem que ser amado, respeitado e valorizado. O aluno não é uma tábua rasa, sem nada, em que todas as informações são jogadas. Não é um carrinho vazio de supermercado em que alguém coloca o que bem entende, e o carrinho vai aguentando tudo o que nele é jogado. Ao contrário, o aluno é um gigante que precisa ser despertado. Todo e qualquer aluno tem vocação para brilhar, em áreas distintas, de formas distintas, mas é um ser humano e como tal possui inteligência, potencial; se não for destruído pelos maus educadores, poderá produzir, crescer e construir caminhos de equilíbrio, de felicidade. (...) A sala de aula é um espaço sagrado em que o aluno merece ser valorizado e incensado pelo afeto e pelo saber.

Nesse sentido, temos aqui uma reflexão para a nossa prática docente o professor é o grande influenciador e pode marcar a vida do aluno, positivamente ou negativamente. Eu fui marcada nos dois sentidos e o que prevaleceu foi o amor ao ensino. Hoje, tenho uma referência de professora em quem quero me espelhar, a professora Magda, de quem nunca me esquecerei. Com ela aprendi que o aluno só aprende quando é ensinado com amor e afeto.

## Resultados e discussões

Para a composição deste estudo, foi realizada a aplicação de questionário virtual, construído pela ferramenta Google Forms. O questionário foi aplicado a professores da Educação Básica, escolhidos aleatoriamente, com o intuito de compreender a percepção que eles possuem sobre a afetividade e seu impacto na aprendizagem dos alunos. O questionário, em anexo, consiste em três perguntas objetivas e duas perguntas discursivas. Foram obtidas um total de 15 (quinze) respostas, conforme demonstram as figuras que serão apresentados.

As respostas discursivas serão apresentadas sem identificar o respondente, que será designado apenas como Professor A, B, C, ... e da sigla EI (para Educação Infantil), EF I (para Ensino Fundamental I) ou EF II (para Ensino Fundamental II).

A primeira pergunta abordou se é importante que o professor procure meios que trabalhe o afeto na aula de aula e como pode ser trabalhado. Todos os profissionais da educação responderam que sim e citaram formas como o professor deve trabalhar de forma afetiva com os educandos. Dentre as respostas obtidas para essa questão, destacamos:

- Professor A – EF I: “Primeiramente por meio do diálogo. O professor deve dialogar com a criança a fim de gerar um vínculo com ela para, assim, criar o elo da afetividade.”
- Professor G – EF I: “Demonstrando carinho e atenção aos estudantes é a primeira coisa; trabalhar textos sobre o assunto, como as rodas de conversa; motivar os estudantes a falarem sobre questões relacionadas a sua vida pessoal; trabalhar o respeito e a cordialidade entre os estudantes, construindo a afetividade sobre eles.”
- Professor D – EF II: “Incentivar a autoestima do educando é um meio importante para melhorar o nível de aprendizagem.”

Para esses professores do Ensino Fundamental I e II, a construção do vínculo com o educando começa pelo diálogo na sala de aula, deixando aberto as indagações e questões pessoais dos alunos no momento das rodas de conversa, incentivando e aumentando a autoestima. De acordo com Freire (1987, p.79-80),

[...] não há diálogo [...] se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda [...]. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo.

As respostas apresentadas reafirmam o que Freire defendeu: o diálogo também é um ato de amor e afeto.

Os professores da Educação Infantil relatam algumas formas de socializarem de maneira afetiva, por exemplo:

- Professor E – EI: “Promover atividades que envolvam interações sociais. Permitir o fazer, o despertar, favorecer situações de aprendizagem, valorizar cada aluno e sua forma de pensar, exercitar a ludicidade de cada criança.”

De acordo com esse professor (E – EI), é importante trabalhar a ludicidade para haver interações sociais, um método de suma importância para se aproximar do aluno. Com base nessa consideração, Friedman (1996, p. 41) ressalta que:

Os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo.

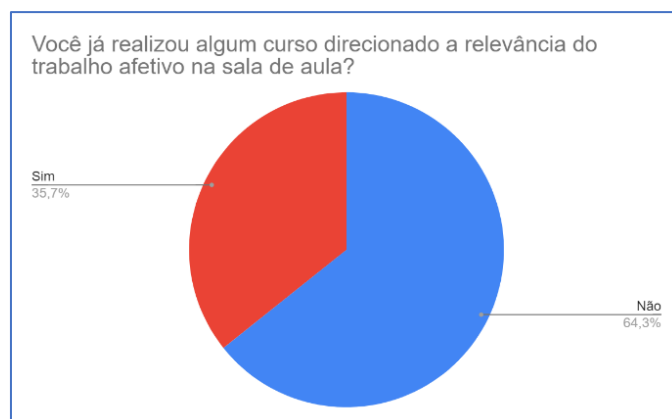
Outros professores da Educação Infantil, deixaram suas considerações sobre como pode ser trabalhado a afetividade:

- Professor C – EI: “Primeiro receber as crianças sempre com um sorriso e palavras de boas-vindas, segundo observar o perfil desta criança afim de identificar o que mais lhe atrai facilitando a aproximação e quando isso acontecer com bastante sabedoria e criatividade deixar suas aulas com sabor de quero mais.”
- Professor F – EI: “Sempre iniciar a aula com acolhida e neste momento demonstrar interesse pela vida pessoal do aluno e suas opiniões.”
- Professora H – EI: “Na hipótese de uma discordância das crianças, o professor deve saber apaziguar. Na chegada dos alunos, o professor sempre receber com afeto.”

De acordo com esses educadores da Educação Infantil, o trabalho lúdico, o sorriso, a alegria de receber os educandos em sala, são aspectos fundamentais e um excelente caminho para a demonstração de afeto.

A segunda pergunta foi realizada para verificar se esses profissionais já realizaram alguma formação específica abordando a afetividade. O resultado é expresso na figura 1.

Figura 1 – Realização de cursos direcionados ao trabalho afetivo nas escolas.



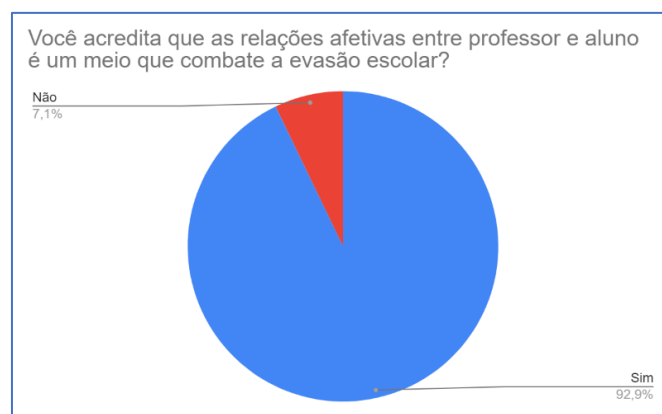
Fonte: Elaboração da autora (2020).

Observa-se, na figura 1, que a maioria dos respondentes não recebeu formação específica sobre afetividade na sala de aula, o que permite considerar que o trabalho afetivo não é “intencional” ou “necessário” para a maioria dos profissionais da educação.

É necessário que o professor busque sempre a formação continuada. De acordo com Behrens (1996, p. 24), “a busca da educação continuada é necessária ao profissional que acredita que a educação é um caminho para a transformação social”. Quanto melhor qualificado, o professor estará mais preparado para lidar com as problemáticas que estão inseridas no ambiente escolar e na sociedade.

Na sequência, questionou-se sobre a afetividade como caminho para conter a evasão escolar, conforme demonstra a figura 2.

Figura 2 – Relevância do trabalho afetivo ao combate da evasão escolar



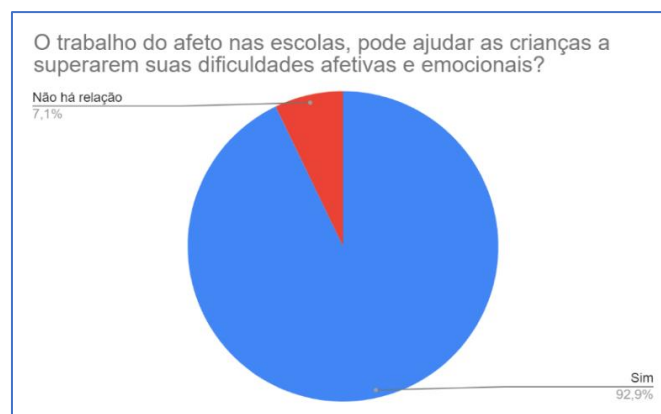
Fonte: Elaboração da autora (2020).

A figura 2 mostra que, para os respondentes, a afetividade contribui para conter a evasão escolar, especialmente dos educandos mais vulneráveis, em situação de risco social. Nessa situação, o professor que trabalha a afetividade desperta no aluno, com essa condição de vulnerabilidade, o desejo de continuar estudando. O trabalho afetivo, nestes casos, é um reforçador para que o educando não abandone a escola e os estudos. A esse respeito, Freire (1993, p. 71) afirma que:

O professor deve ser um mediador de conhecimentos, utilizando sua situação privilegiada em sala de aula não apenas para instruções formais, mas para despertar os alunos para a curiosidade; ensiná-los a pensar, a ser persistentes a ter empatia e ser autores e não expectadores no palco da existência. O aluno tem que ter interesse em voltar à escola no dia seguinte reconhecendo que aquele momento é mágico para sua vida.

A próxima pergunta abordou a relação entre afetividade na escola e a superação das dificuldades afetivas e emocionais do educando. O resultado está expresso na figura 3.

Figura 3 – Afeto como meio de superar as dificuldades afetivas e emocionais.



**Fonte:** Elaboração da autora (2020).

A partir da figura 3, observa-se que 92,9% dos profissionais consideram que o trabalho afetivo pode ajudar as crianças a superarem seus conflitos emocionais. A respeito disso, Saltini (2008, p. 63) afirma que:

O professor (educador) obviamente precisa conhecer e ouvir a criança. Deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre, e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola.

Assim, de acordo com Saltini (2008), e em consonância com os professores respondentes, o professor precisa conhecer seus educandos, ajudando nas suas dificuldades, e nas questões emocionais, atuando de forma afetiva para garantir melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem.

A última pergunta, com resposta aberta, indagava sobre a importância do trabalho afetivo para o professor, e aborda a relação entre o afeto e a aprendizagem. Abaixo, são apresentadas algumas das respostas.

- Professor A – EFI: “Essa relação é direta e contínua, uma relação afetiva é a melhor forma de mediar a aprendizagem.”
- Professor B - EF1: “Com certeza! Com uma relação de cumplicidade, que vem após laços de afetividade estabelecidos, os estudantes sentem-se mais tranquilos para exporem suas ideias e fazerem questionamentos que levam ao desenvolvimento escolar.”
- Professor C – EI: “Sim! Somos seres afetivos e precisamos de equilíbrio emocional para a melhor aprendizagem.”
- Professor D - EF II: “Sim. O aluno deve sentir confiança no educador, a afetividade dá a segurança ao aluno em meio aos acertos e erros.”
- Professora E – EI: “Só há aprendizagem quando se tem vínculo. A afetividade está inteiramente ligada ao desenvolvimento e aprendizagem do sujeito. Sabendo disso, cabe ao professor planejar estratégias que ampliem seu vínculo com o aluno, promovendo seu desenvolvimento físico, psíquico e social.”

As afirmações dos professores A, B, C, D e E ressaltam que o vínculo afetivo entre o professor e o aluno é fundamental para gerar segurança e confiança na relação, pois o aluno se sente mais à vontade para expor seus erros e acertos.

A professora E da Educação Infantil, relatou que a relação afetiva e a aprendizagem estão totalmente ligadas uma à outra, por isso o professor deve procurar métodos que estimulem a interação entre os sujeitos. De acordo com Cunha (2017, p. 67):

[...] o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto. São as nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais que experienciamos, e a vivência das experiências que amamos é que determinará a nossa qualidade de vida. Por esta razão, todos estão aptos a aprender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes.

Do mesmo modo, afirmam outros dois professores:

- Professor F – EI: “A afetividade em sala de aula tem um papel importante no desenvolvimento da aprendizagem. Quando o professor busca ter um vínculo afetivo com os seus educandos, o processo de ensino e aprendizagem flui com mais facilidade, e nota-se um maior envolvimento por parte dos alunos. Além disso, a afetividade entre professor e aluno, contribui também para diminuir a indisciplina na sala de aula.”



- Professor G – EFI: “Sem dúvida, são dois fatores que em sincronia, o resultado será de muito sucesso. Quando se tem afetividade existe uma troca do dar e receber, diminui o medo de demonstrar as limitações, fragilidades e o empenho de tentar sem receio de errar, e são essas tentativas e essa doação que vai concretizando a aprendizagem sólida, capaz de reproduzir e criar seus próprios conceitos, partindo do mediador professor e aluno.”

De acordo com os professores F e G, a relação deve ser recíproca entre o professor e aluno. Com interação e afeto, o aluno estará mais aberto ao professor para receber os seus conhecimentos, melhorando a sua aprendizagem.

Partindo para outro parâmetro, um professor trouxe à tona a realidade da escola pública. É interessante observar que, até então, o dualismo entre escola pública ou privada não havia emergido das respostas coletadas. Da mesma forma, a pergunta não induzia a essa reflexão, logo, trata-se de uma constatação do próprio respondente, que afirmou:

- Professor H – EI: “Eu acredito que uma criança frequentadora de uma escola pública tem menos acesso a locais que favoreçam o relacionamento e convivência com seus pares. Assim, a escola acaba sendo o principal *locus* de convivência e, conseqüentemente, das relações afetivas. Portanto, o professor jamais deve ignorar o fator afetividade, incentivando sempre o diálogo, dando abertura no coletivo e no individual se notar ser necessário. Quando criamos um vínculo afetivo maior com a criança, ela se mostra mais receptiva e acaba sendo amiga do professor, e quem trairia um grande amigo? Dessa forma, o aluno além de absorver melhor os conhecimentos, ele terá mais facilidade em questionar, levantar hipóteses, tirar suas dúvidas, sentir mais segurança em resolver seus problemas, porque sabe que tem um professor facilitador. Aos poucos, a autoestima fica ao seu favor e ninguém segura um aluno com a autoestima alta.”

O professor H – EI, aborda que o aluno que frequenta escola pública tem menos acesso ao contato afetivo e, por isso, o professor não deve negligenciar o trabalho com a afetividade nas escolas. Ressaltou, também, a relevância do professor ser o facilitador, contribuindo para o desenvolvimento da autoestima da criança. É importante que o professor deva, segundo Martinelli (2005, p. 116):

Propiciar um ambiente favorável à aprendizagem em que sejam trabalhados a autoestima, a confiança, o respeito mútuo, a valorização do aluno sem contudo esquecermos da importância de um ambiente desafiador, [...] mas que mantenha um nível aceitável de tensões e cobranças, são algumas das situações que devem ser pensadas e avaliadas pelos educadores na condução do seu trabalho.

Com base nessas respostas, pode-se perceber que a maioria dos professores entrevistados tem consciência da importância da afetividade no ambiente escolar e nas relações ali construídas. Contudo, nota-se que a temática ainda carece de reflexões, de modo que seja aproveitado todo o seu potencial para o bom desenvolvimento escolar dos educandos.

A aplicação do questionário online permitiu-nos observar que a maioria dos respondentes concorda que a afetividade interfere na aprendizagem, entretanto, fazem tal afirmação sem embasamento teórico ou metodológico, uma vez que não associaram as respostas às teorias do desenvolvimento humano que contemplam a afetividade como aspecto determinante.

Observou-se, pelo estudo realizado, que os professores estão abertos a refletirem sobre a afetividade em sua prática pedagógica, o que torna interessante a oferta, pelas redes de ensino, de formação continuada contemplando essa temática.

## CONSIDERAÇÕES

Este trabalho buscou compreender a influência da afetividade sobre o ensino e aprendizagem na relação professor e aluno, por meio de um estudo bibliográfico e de pesquisa aplicada aos profissionais da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

O intuito da discussão foi enfatizar aos profissionais da educação o quanto é importante trabalhar o afeto na sala de aula, construindo uma boa relação com o aluno e, assim, viabilizando melhores estratégias de trabalho. Com base nos estudos teóricos e nas pesquisas, é possível afirmar que a afetividade interfere na aprendizagem. O aluno que tem uma boa relação com o professor, terá mais estímulo ao aprendizado.

Na perspectiva do educando, a afetividade garante que as crianças se sintam seguras para novas descobertas, livres do medo de se expressarem enquanto educandos e enquanto sujeitos críticos e pensantes, considerando que o meio social é relevante para uma formação global do sujeito. Nessa percepção, é necessário que o professor repense sua prática pedagógica, pois o mesmo é o grande influenciador e mediador do processo ensino-aprendizagem. O professor tem como primordial papel, trabalhar de maneira prazerosa e harmônica, não ser o detentor do saber e, sim, o mediador da aprendizagem. Além disso, deve trabalhar a escuta, ter o olhar afetuoso e sensível a cada aluno, ser o

motivador no processo de ensino e aprendizagem, estabelecer uma relação de respeito e admiração e, principalmente, ensinar com amor e afeto.

Conclui-se, assim, que a aprendizagem mediada pelo afeto desenvolve o prazer da descoberta e garante ao educando a segurança e a confiança para a construção do conhecimento. O professor que proporciona um ambiente acolhedor, permite à criança a real possibilidade de interação com o meio social, construindo uma aprendizagem significativa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

ALMEIDA, L.R. (2004). Ser professor: um diálogo com Henri Wallon. In: MAHONEY, A. A. ALMEIDA, L. R. (Orgs.) **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo, Loyola.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba, PR: Champagnat, 1996.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 6º ed. São Paulo: Gente, 2001.

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 9. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

CUNHA, Eugênio. **Afeto e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, Professores Fascinantes**. 14 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. de. **Psicologia na Educação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Professora SIM tia NÃO** – Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, ed. Olho d' Água, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. (2003). **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. São Paulo: UNESP.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

66

MACÊDO, Rosa Maria de Almeida; SILVA, Maria de Jesus e. **A Teoria Psicogenética de Henri Wallon**. In: CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de. (Org.). **Psicologia da Educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 201-241.

MAHONEY, A.A. Introdução. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Org.). **Henri Wallon: psicologia e educação**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 9-18.

MARTINELLI, S. de C. **Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem**. In: SISTO et al (Org.). **Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MARTINELLI, Selma de Cássia. **Dificuldades de aprendizagem no contexto Psicopedagogia**. Petrópolis. RJ, Vozes, 2005.

NUNES, A. I.; SILVEIRA, R.N. **Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e conceitos**. Brasília. Líber Livros, 2008.

MIRANDA, Elis Dieniffer Soares. **A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem no contexto afetividade**. FAFI: 2008.

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RANGHETTI, Diva Spezia. Afetividade. In: FAZENDA, Ivani. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.87-89.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2008.

TASSONI, E. Cristina Martins. **A dinâmica interativa na sala de aula: as manifestações afetivas no processo de escolarização**. 2008. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

VALLEJO, Pedro Morales. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

VIGOTSKI, Lev. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: M. Fontes, 1998.

VIGOTSKI, Lev. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 2005.

## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO SOBRE A ABORDAGEM DO AFETO VERSUS APRENDIZAGEM

67

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa intitulada AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO COMO FATOR IMPORTANTE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM, realizada como trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Pedagogia, no Centro Universitário de Goiás- Uni Anhanguera, por Thays Pires de Andrade Silva, sob orientação das professoras Lorena Bernardes Barcelos e Márcia Inês Silva. Nesse estudo, as entrevistas com os professores serão realizadas pelo preenchimento individual deste questionário online. Esta pesquisa tem como objetivo levar a reflexão crítica do profissional da educação, analisando a percepção da proposta que é afeto versus aprendizagem.

#### PERGUNTAS

- 1- O professor deve procurar meios que trabalhe o afeto na sala de aula? Se sim, cite um meio que o professor deve trabalhar a afetividade.
- 2- Já realizou algum curso direcionado a relevância do trabalho afetivo na sala de aula?
- 3- Você acredita que as relações afetivas entre professor e aluno é um meio que combate a evasão escolar?
- 4- O trabalho do afeto nas escolas, pode ajudar as crianças a superarem suas dificuldades afetivas e emocionais?
- 5- Para você o trabalho com afetividade na sala de aula é importante? Há uma relação entre aprendizagem com afetividade? Justifique.